

MAPEAMENTO DE REFERENTES DOS CAMPOS ASSOCIATIVOS DAS EMOÇÕES NO DISCURSO DE CHESTER BENNINGTON

MAPPING OF THE REFERENTS OF THE ASSOCIATIVE FIELDS OF EMOTIONS IN CHESTER BENNINGTON'S DISCOURSE

José Jackson da Silva Freire (Unilab)¹

Resumo: Este artigo analisa o discurso de Chester Bennington, vocalista da banda Linkin Park, em sua entrevista sobre o single *Heavy*, último lançamento antes de sua morte em 2017. O estudo parte dos pressupostos da Linguística Textual, em especial do conceito de referenciação, compreendida como atividade de construção de objetos de discurso, e busca identificar como o cantor modela sociocognitiva e discursivamente suas emoções. A pesquisa organiza os referentes encontrados em campos semânticos relacionados ao sofrimento emocional, à consciência e à superação, revelando o modo como Bennington recategoriza suas experiências internas por meio de metáforas espaciais, agentivas e temporais. A análise evidencia que, mais do que expressar sentimentos individuais, o discurso constitui um processo ativo de construção da realidade subjetiva, em que a linguagem organiza e ressignifica a experiência emocional. Assim, o trabalho contribui para a compreensão de como o léxico emocional pode ser mapeado em discursos de sujeitos em sofrimento psíquico, ressaltando a relevância da dimensão sociocognitiva da linguagem na interpretação dos fenômenos emocionais.

Palavras-chave: Linguística Textual; Referenciação; Emoções; Chester Bennington; Discurso.

Abstract: This article analyzes the discourse of Chester Bennington, lead singer of Linkin Park, in his interview about the single *Heavy*, the band's last release before his death in 2017. Grounded in Textual Linguistics, particularly in the concept of reference as a discursive activity, the study seeks to identify how the singer socio-cognitively and discursively models his emotions. The research organizes the identified referents into semantic fields related to emotional suffering, awareness, and overcoming, revealing how Bennington recategorizes his inner experiences through spatial, agentive, and temporal metaphors. The analysis demonstrates that, beyond expressing individual feelings, discourse constitutes an active process of constructing subjective reality, in which language organizes and re-signifies emotional experience. Thus, the study contributes to the understanding of how emotional lexicon can be mapped in the discourse of individuals experiencing psychological distress, highlighting the relevance of the socio-cognitive dimension of language in the interpretation of emotional phenomena.

Keywords: Textual Linguistics; Reference; Emotions; Chester Bennington; Discourse.

¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Aluno do curso de Letras - Língua Inglesa da mesma instituição. E-mail: jacksonjo15@gmail.com

Introdução

Como compositor e vocalista de uma banda do gênero *rock/metal-alternativo/nu-metal*, Chester Bennington (1976–2017) abordava questões de caráter emocional e pessoal nas letras de suas composições, e nas músicas que interpretava. Em sua possível última entrevista², o *lead-singer* da banda Linkin Park disserta sobre suas motivações para a criação do single intitulado “heavy”, que faz parte do último álbum da banda. Após a sua morte, tal entrevista foi encarada pelo público como um momento em que Bennington exteriorizou seus pensamentos acerca de seus sentimentos, que até então eram, pelo menos em grande parte, reprimidos ao público, e os episódios de crise em sua vida diante enfrentamentos intrapessoais, ainda que seu problema com a depressão, na época da entrevista, não tenha causado a devida comoção, principalmente para os olhos da mídia. Seu suicídio foi uma surpresa para grande parte do público que o acompanhava.

Embora não tenhamos ferramentas o suficiente para detectar transtornos psicológicos através do discurso de um indivíduo, a psicóloga Vania Inez (2021) destaca alguns sinais que podem sugerir a presença de problemas de caráter ansioso, como medo de cometer erros, autocrítica exagerada, medo de julgamento, percepção negativa, dificuldade para ver a realidade de outras pessoas e culpa. Além do mais, segundo Mohammed Al-Mosaiwi (2018), que realizou um estudo utilizando-se de Processamento de Linguagem Natural (PLN), pessoas depressivas usam a linguagem de forma diferente, e há um padrão entre elas com relação ao uso de pronomes e palavras que passam importância ou probabilidade, como “nada”, “sempre” e “completamente”. Ainda em minhas pesquisas, nos deparamos com um estudo realizado por Waskita e Raflis (2019), no qual são analisadas, sob uma perspectiva psicanalítica, pragmática e textual, as mensagens que remetem à depressão e ao suicídio que estão presentes em letras de músicas selecionadas desde o primeiro álbum da banda Linkin Park (*Hybrid Theory*, 2000) até o último (*One More Light*, 2017). O estudo busca compreender de que forma as canções expressam a trajetória emocional de Chester Bennington e como os elementos líricos podem ser interpretados à luz de sua experiência pessoal.

Um aspecto relevante desse trabalho é que os autores não se limitam a uma análise psicológica isolada, mas consideram também o contexto sociocultural em que o discurso artístico se insere. Essa perspectiva dialoga com a concepção de Apothélos & Reichler-Béguelin (1995, p. 228), segundo a qual os chamados “objetos-de-discurso” não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos, mas devem ser concebidos como produtos — fundamentalmente culturais — dessa atividade. Tal compreensão reforça a importância de situar a análise das letras no cruzamento entre linguagem, subjetividade e cultura.

Portanto, estabelecer um padrão de uso de palavras entre indivíduos portadores de transtornos psicológicos, desconsiderando o seu contexto social, histórico, político e cultural, apontaria para um processo de categorização que carece de uma completude de considerações a serem feitas para que garanta um resultado mais objetivo. Partindo deste pressuposto, utilizamos uma abordagem baseada no conceito de referência enquanto atividade de construção de “objetos-de-discurso”, onde conduzir uma construção de um parecer linguístico pode indicar a associação de seu discurso com os enfrentamentos internos dos quais esteve passando ao longo de sua vida, embora não possamos diagnosticá-lo como portador de nenhum transtorno apenas com essa análise.

A presente pesquisa, por sua vez, diferencia-se do estudo de Waskita e Raflis sobretudo em relação ao *corpus*. Enquanto eles examinam um conjunto de letras de diferentes álbuns da banda, nosso trabalho se concentra em uma entrevista concedida por Chester Bennington à rádio americana 102.7 KIIS FM, na qual ele fala acerca do significado da letra de uma determinada canção e a associa com sua vida pessoal. Esta canção foi o último single lançado pela banda com Chester nos vocais, e sua letra contém uma carga emocional bem significativa. A forma como o cantor articula o tema da canção com elementos de sua vida sugere possíveis indícios de sua

² Entrevista realizada no programa de rádio apresentado por JoJo Wright na estação de rádio KIIS FM, em 21 de fev. de 2017

condição psicológica à época.

Com relação ao modelo de análise aqui feita, reconhecemos os limites de associar o que é dito com a realidade em si, uma vez que o elo entre estas duas dimensões é a percepção cognitiva humana sobre a realidade, que está sujeita a diversos fatores subjetivos que impedem que a linguagem tenha uma estrita ligação com aquilo que é real. Walter Benjamin (2013, p. 64) nos lembra que o conhecimento das coisas não emerge espontaneamente da linguagem de modo ilimitado, mas repousa sobre a forma como essas coisas se comunicam ao sujeito.

O conhecimento da coisa não é, contudo, uma criação espontânea, ele não acontece a partir da linguagem de maneira sobre comunicação e linguagem: um olhar filosófico absolutamente ilimitada e infinita, [...]; o nome que o homem atribui à coisa repousa sobre a maneira como ela se comunica a ele (Benjamin, 2013, p. 64).

Entretanto, ao passo em que isso evidencia que a linguagem não tem uma estrita ligação com o real, também esclarece que ela tem uma carga subjetiva quanto à sua relação com o real, pelo ponto de vista da ligação entre o que o indivíduo enuncia, a sua percepção de mundo e como ele quer referenciar os objetos do mundo quando os transforma em objetos-de-discurso, ou seja, a forma como ele se refere a elementos reais, de maneira a significar fenômenos, muitas das vezes, com um certo posicionamento pessoal e argumentativo, principalmente quando o assunto abordado se refere à exposição de questões emocionais próprias do indivíduo que as detêm.

A realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural. (Koch, 2002, p. 31).

Portanto, essa análise não se compromete a fazer uma relação causal entre um discurso e um evento da realidade. O presente trabalho tem como objetivo geral identificar o modelamento sociocognitivo e discursivo de Chester Bennington no âmbito emocional. Para alcançar essa meta, propõe-se, de forma específica, mapear os campos semânticos/associativos emocionais presentes em seu discurso, mediante a realização de um levantamento das expressões referenciais representativas desse campo. A questão central da pesquisa consiste em compreender como Chester Bennington modela sociocognitiva e discursivamente suas emoções e sentimentos em suas falas. Já as questões específicas se desdobram em: (1) quais os campos semânticos emocionais presentes no discurso de Chester Bennington? e (2) que expressões referenciais pertencentes a esses campos semânticos o cantor utiliza?

Com base nessas questões e estudos acima levantados, tomando como pressuposto a Linguística Textual sob o viés sociocognitivo e discursivo, essa análise sobre o discurso de Bennington em sua possível última entrevista poderá realizar uma contribuição para este campo de pesquisa que se propõe a identificar referentes linguísticos recorrentes presentes em discursos de quem sofre com episódios de sofrimento psicológico.

O artigo se estrutura em dois tópicos de contextualização, sendo o primeiro uma curta biografia de Chester Bennington, e o segundo, uma retomada sobre os conceitos de referenciação. Em seguida, o estudo se debruça sobre as falas do artista em questão na referida entrevista para realização da análise proposta.

1. Quem foi Chester Bennington?

Chester Charles Bennington, mais conhecido como Chester Bennington, foi um cantor e compositor nascido em 20 de março de 1976. Ganhou destaque como vocalista da banda americana Linkin Park, com a qual lançou sete álbuns de estúdio e recebeu diversos prêmios, incluindo Grammys, MTV Awards, American Music Awards, entre outros — totalizando 67 prêmios e 192 indicações ao longo de sua carreira.

Entre seus maiores sucessos, destacam-se músicas como In The End (do álbum Hybrid Theory), Numb (do álbum Meteora) e What I've Done (trilha sonora do primeiro filme Transformers). Sua voz marcante, capaz de transitar entre gritos intensos e tons suaves e

melódicos, tornou-se característica essencial da identidade sonora da banda, especialmente em combinação com os raps de Mike Shinoda e os instrumentais característicos do grupo.

A vida de Chester foi profundamente impactada por traumas desde a infância, incluindo a separação dos pais, a convivência com um pai que ele descreveu mais tarde como emocionalmente instável e, o mais grave, o abuso sexual sofrido entre os sete e os treze anos por parte de um conhecido da família.

Eu estava sendo espancado e forçado a fazer coisas que não queria. Como a maioria das pessoas, eu estava com muito medo de dizer qualquer coisa. Eu não queria que as pessoas pensassem que eu era gay ou que estava mentindo. Foi uma experiência horrível. (Bennington, 2008)³

Essas experiências traumáticas o levaram a buscar formas de escape, como o uso de drogas e álcool na adolescência, além de influenciarem diretamente a carga emocional presente nas músicas do Linkin Park — fator que ajudou a gerar uma profunda identificação entre o público jovem e as letras escritas por Chester.

Entre todos os episódios marcantes de sua vida, um dos mais significativos ocorreu em 18 de maio de 2017, quando Chester recebeu a notícia da morte de seu grande amigo, o também cantor Chris Cornell. Cornell, vocalista da banda Soundgarden e considerado por muitos como uma das maiores vozes da história do rock, tirou a própria vida em um hotel, após uma apresentação. Chester, admirador de seu trabalho desde a juventude, havia se tornado seu amigo próximo a partir de 2008, após se conhecerem pessoalmente. Compartilharam palcos e momentos íntimos com suas famílias, criando uma conexão profunda.

I don't know if you've ever had this experience, but sometimes you meet somebody and it's like you've known them forever. And that was really the case between our families. (Bennington, 2017).⁴

No mesmo dia da morte de Cornell, o Linkin Park estava prestes a se apresentar no programa Jimmy Kimmel Live para divulgar o novo single Heavy, do álbum recém-lançado One More Light. Abalado pela perda do amigo, Chester sugeriu substituir a música programada pela música título do álbum, cuja letra fala sobre o luto e a perda de pessoas queridas. Durante os ensaios, Chester demonstrou extrema sensibilidade emocional, tendo dificuldade em completar a performance da canção.

Apesar do sucesso do novo álbum, da boa fase na carreira e de avanços pessoais no enfrentamento de seus vícios, especialmente relacionados ao álcool, Chester revelou que seus pensamentos ainda eram um lugar difícil de habitar. Em entrevistas, comentou que a letra de Heavy refletia exatamente como se sentia nos últimos anos.

Uma de suas últimas aparições públicas foi no quadro Carpool Karaoke, gravado apenas seis dias antes de sua morte. Na ocasião, ele parecia bem-humorado e animado, cantando clássicos da banda com entusiasmo.

Durante uma pausa na turnê com o Linkin Park, Chester passou um período de férias com a família no Arizona. No dia 19 de julho, retornou para sua casa em Palos Verdes, na Califórnia, alegando ter compromissos profissionais no dia seguinte, incluindo uma sessão de fotos com a banda.

³ Bryant, Tom. Linkin Park, Kerrang!. **Tom-bryant.com**, 23 jan. 2008. Disponível em: <http://www.tom-bryant.com/linkin-park-kerrang--tom-bryant.html>. Acesso em: [coloque aqui a data que você acessou, ex: 31 out. 2025]. Original: "I was getting beaten up and being forced to do things I didn't want to do. [...] Like most people, I was too afraid to say anything. I didn't want people to think I was gay or that I was lying. It was a horrible experience." Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa: "Não sei se você já teve essa experiência, mas às vezes você conhece alguém e é como se você a conhecesse há muito tempo. E esse foi realmente o caso entre nossas famílias."

Pouco antes de viajar, a família gravou um vídeo no qual Chester aparece desfrutando momentos ao lado dos filhos. Ele também estava envolvido em novos projetos: planejava a retomada da banda Grey Daze, que integrou antes do Linkin Park, e propôs uma nova fase do projeto Kings of Chaos, ao lado do baterista Matt Sorum. No entanto, esses planos não se concretizaram. Na manhã do dia 20 de julho de 2017, Chester foi encontrado morto em sua residência por uma funcionária da casa. Ele havia tirado a própria vida, enforcando-se com um cinto.

O motorista que o aguardava para a sessão de fotos foi informado pela funcionária e imediatamente acionou as autoridades. Segundo relatório divulgado pela revista Billboard em dezembro do mesmo ano, havia uma pequena quantidade de álcool em seu organismo no momento do falecimento, mas nenhuma outra substância foi detectada.

Chester Bennington deixou um legado inestimável. Sua presença de palco, energia e entrega em cada performance ao vivo o tornaram um dos artistas mais admirados do rock contemporâneo. Até hoje, suas músicas continuam emocionando e confortando pessoas ao redor do mundo, especialmente aqueles que enfrentam momentos difíceis.

2. A noção de referenciação e objetos de discurso

A referenciação, enquanto categoria analítica da linguística e da análise do discurso, ocupa um papel central na compreensão de como os enunciadores constroem e negociam sentidos no uso da linguagem. Ela não é um processo passivo de identificação de objetos preexistentes, mas uma prática discursiva dinâmica, em que os objetos de discurso são construídos e reconstruídos na interação verbal.

Segundo Koch (2002), a referenciação deve ser entendida como um ato de construção e reconstrução contínua dos objetos discursivos. Essa construção está profundamente ancorada nos contextos situacionais, culturais e cognitivos dos interlocutores. Os objetos de discurso não existem de forma independente do texto ou da interação; eles emergem através das escolhas linguísticas feitas pelos sujeitos e são moldados pelas intenções comunicativas e pelos enquadramentos sociais em que se inserem.

Como pontuado por Mondada e Dubois (2003), esses objetos são frequentemente manipulados por meio de recursos como anáforas, catáforas e processos de nomeação. As anáforas são mecanismos linguísticos que permitem retomar elementos já mencionados anteriormente no texto, sendo fundamentais para a coesão textual, uma vez que facilitam a continuidade temática e evitam repetições desnecessárias. Por exemplo, em uma sequência como “Maria comprou um livro. Ela adorou a história”, o pronome “ela” funciona como uma anáfora que retoma a referência a Maria. Esse recurso exige que o interlocutor ative sua memória discursiva para conectar as partes do texto e compreender as relações entre os elementos.

Por sua vez, as catáforas operam de modo inverso, ao introduzirem elementos que serão esclarecidos ou desenvolvidos posteriormente no discurso. Um exemplo seria: “Ela é incrível, a Maria.” Nesse caso, o pronome “ela” antecipa a referência a Maria, que só aparece no final da frase. As catáforas têm um papel relevante na criação de expectativas no leitor ou no ouvinte, orientando sua atenção para informações futuras.

Além desses mecanismos, os processos de nomeação também participam da construção referencial, ao atribuírem nomes ou descrições específicas para introduzir objetos de discurso no texto. Esses nomes podem ser concretos, como “o carro azul”, ou abstratos, como “o problema da desigualdade”. A nomeação, ao mesmo tempo em que insere um objeto no discurso, o qualifica e carrega uma carga semântica que pode influenciar a forma como ele será percebido e retomado ao longo da interação.

Koch (2002), reforça esse entendimento ao afirmar que a referenciação ultrapassa a simples identificação de objetos estáticos no mundo real. Trata-se de uma prática discursiva em que os sujeitos constroem significados à medida que interagem. A construção desses

objetos está diretamente relacionada à capacidade do locutor de envolver o interlocutor no reconhecimento de referências compartilhadas ou inéditas dentro de um dado contexto. Nesse processo, os objetos de discurso emergem como produtos das escolhas linguísticas, moldados pelo contexto situacional, pelas intenções comunicativas e pelos enquadramentos sociais.

A referenciação, portanto, não se limita a uma descrição linguística, mas incorpora aspectos interativos fundamentais. Os interlocutores colaboram para estabelecer, negociar ou até mesmo contestar as referências, moldando os objetos discursivos conforme suas perspectivas e objetivos. Essa colaboração evidencia que os mecanismos de anáfora, catáfora e nomeação são intrinsecamente interativos, pois exigem o acionamento de conhecimentos prévios compartilhados para a construção e interpretação das referências. Dessa forma, a linguagem se apresenta não apenas como um meio de expressão individual, mas como uma ferramenta essencial de conexão social e cognitiva.

Compreender a referenciação como um processo ativo de construção discursiva tem implicações significativas para áreas como a análise do discurso, o ensino de línguas e os estudos da comunicação. Esse entendimento permite uma abordagem crítica do modo como os sujeitos organizam e transmitem informações, moldando suas experiências e as dos outros por meio da linguagem.

3. Metodologia

A metodologia se deu com base no discurso de Chester Bennington durante um trecho retirado entre os minutos 4:13 e 14:07 da entrevista intitulada “Chester Bennington Live With JoJo”, disponível no canal do YouTube da rádio 102.7 KIIS-FM. Esse trecho é selecionado devido a entrevista, nessa minutagem, focalizar o assunto no single Heavy, como se deu o processo de criação desse single e o paralelo feito por Chester entre essa canção e sua vida no âmbito social, emocional e psicológico. Não nos foi pertinente considerar outros momentos da entrevista devido às outras pautas abordarem mais o lado profissional de Chester enquanto vocalista da banda Linkin Park, o que não se encaixaria em uma análise a respeito de seu lado mais pessoal.

O mapeamento se deu com foco na identificação dos referentes, seja através de expressões referenciais ou de predicados dos quais deles podemos inferir tais referentes. Desse levantamento, construímos, assim, um apanhado do que podemos enquadrar ao campo semântico das emoções de Chester Bennington, e a partir disso, buscar encontrar uma tendência na construção dos objetos de discurso, a fim de entender melhor sobre seus enfrentamentos perante questões emocionais. Delineando melhor os procedimentos metodológicos realizados nesse estudo, temos as seguintes etapas: 1. Identificar cadeia de expressões referenciais; 2. Descrever como tais referentes são construídos; 3. Realizar agrupamentos semânticos emocionais com os referentes levantados; e 4. Destacar os referentes dos campos emocionais mais recorrentes.

4. Mapeamento de referentes dos campos semânticos emocionais

A análise da entrevista de Chester Bennington permite identificar um léxico emocional que pode ser organizado em campos semânticos distintos. Fazer este mapeamento inicial é uma forma de compreender como o artista constrói discursivamente sua experiência interna.

4.1. Campo Semântico do sofrimento emocional:

Esse campo é dividido em três tópicos, sendo estes: “Dificuldade pessoais, sofrimento emocional e desorganização interna/externa”, “Recorrência de hábitos comportamentais nocivos” e “Percepção de

pensamentos negativos”. Ele nos revela uma constante perspectiva negativa do indivíduo sobre si e sobre sua realidade, e a dificuldade de superá-la, principalmente em momentos de crises na vida.

4.1.1. Dificuldade pessoais, sofrimento emocional e desorganização interna/externa

Trechos selecionados:

- “I have a hard time with life, sometimes”

Tradução: “Eu tenho um tempo difícil com a vida, às vezes”

- “[...] a lot of times for me it's really hard”

Tradução: “[...] muitas das vezes para mim é realmente difícil”

- “I'm horrible on the mess”

Tradução: “horrível na bagunça”

- “I was a mess – a total wreck”

Tradução: “Eu estava uma bagunça – uma ruína total”

- “bad stuff”

Tradução: “coisas ruins”.

A partir desses trechos selecionados, temos dois referentes principais: “Chester Bennington” e “acontecimentos da vida”. O primeiro aqui se constrói com “a mess”, “horrible” e “a total wreck”, e o segundo se constrói com “hard time”, “really hard”, “the mess” e “bad stuff”. Denota-se que Chester percebia a si mesmo e a sua vida de uma maneira bastante negativa em certos momentos.

- **Recorrência de hábitos comportamentais nocivos:**

Trechos selecionados:

- “I always find myself, like, struggling with certain patterns to behave”

Tradução: “Eu sempre me encontro, tipo, lutando contra certos padrões de comportamento”.

- “[...] I find myself, like, stuck in, like, the same thing that keeps repeating, over and over again.”

Tradução: “[...] eu me encontro, tipo, preso em, tipo, a mesma coisa que se repete, de novo e de novo.”

- “that circle, that cycle”

Tradução: “aquele círculo, aquele ciclo”.

A partir desses trechos selecionados, temos dois referentes principais, dos quais “Chester Bennington” é novamente um deles, e o outro poderíamos nomear de “padrões de comportamento nocivos”. O primeiro aqui se constrói com “I”, “myself”, “struggling” e

“stuck”, e o segundo se constrói com “certain patterns to behave”, “the same thing that keeps repeating, over and over again”, “that circle” e “that cycle”. Denota-se que Chester constrói de maneira sociocognitiva e discursivamente que passava por momentos de dificuldade com hábitos prejudiciais a si mesmo, que sempre tornavam a acontecer de maneira recorrente.

- **Percepção de pensamentos negativos:**

Trechos selecionados:

- “This place right here, this skull between my ears, that is a bad neighborhood”

Tradução: “Esse lugar bem aqui, esse crânio entre meus ouvidos, é uma péssima vizinhança”

- “I should not be in there alone”

Tradução: “Eu não deveria estar lá sozinho”

- “there's another Chester in there that's, like, wants to take me down”

Tradução: “Há outro Chester lá que, tipo, quer me derrubar”

Nos trechos destacados das frases como “this skull between my ears, that is a bad neighborhood”, “I should not be in there alone”, “there's another Chester in there that's, like, wants to take me down” há referentes dos quais podemos nomear associar à “mente de Chester Bennington”, que se constrói figurativamente como “má vizinhança” (ambiente hostil), “um lugar onde não se deve estar sozinho” (ambiente perigoso) “um alter-ego que quer derrubar o Chester original” (ambiente de autodepreciação).

4.2. Campo Semântico da Consciência e Superação:

Em oposição ao primeiro campo semântico, emerge um campo de clareza e agência, representando a possibilidade de saída. Esse é dividido em dois tópicos: “Consciência da situação e metaperspectiva” e “Ação e libertação”.

- **Consciência da situação e metaperspectiva:**

Trechos selecionados:

- “And it's that moment where you're in it, and then you cannot separate yourself from that situation, and you look at it, and you see it for what it is [...]”

Tradução: “E é aquele momento em que você está nisso, e então você não consegue se separar daquela situação, e você olha para ela, e você a vê como ela é [...]”

- “When you can step back and look at something, like, you're actually elevating yourself consciously. Like, you're... you're... you're enlightened at that point.”

Tradução: “Quando você consegue dar um passo para trás e olhar para algo, tipo, você está se elevando conscientemente. Tipo, você está... você está... você está iluminado naquele ponto.”

- “[...] all the stuff that's going on in here is, actually, just I'm doing this to myself.”

Tradução: “tudo o que está acontecendo aqui é, na verdade, eu que estou fazendo isso comigo mesmo.”

Expressões como “that” / “this” / “it” / “that situation” / “all the stuff” nos dão o referente da “situação problemática de Chester”, enquanto a expressão dêitica “in here” nos dão um referente da “mente de Chester Bennington” (locus do conflito), onde a situação problemática acontece nela. Com isso, Chester utiliza “I”, “myself” para, anaforicamente, utilizar-se dos predicados “doing this to myself” e “all the stuff that’s going on in here” para alimentar o referente “Chester Bennington” de um sujeito que reconhece (e co-produz) o estado interno. Ademais, vemos a utilização de “you” e “yourself” como “interlocutor universal” convocado para compartilhar a mesma operação de consciência (“dar um passo para trás”), e assim, com predicado “see it from what it is”, “elevating yourself consciously” e a expressão referencial “enlightened”, concluímos que Chester utiliza do recurso da universalização da experiência individual para um melhor entendimento do processo de autopercepção e “iluminação da consciência”.

- **Ação e libertação:**

Trechos selecionados:

- “[...] and you look at it, and you see it for what it is, and you're able to, then, do something about it. Like, you've now broken out of that circle, that cycle.”

Tradução: “[...] e você olha para ela, e você a vê como ela é, e então você é capaz de fazer algo a respeito. Tipo, você agora está liberto daquele círculo, daquele ciclo”

- “I can move forward and get unstuck from this”

Tradução: “Eu posso seguir em frente e me livrar disso”

Como já abordado no campo semântico anterior, expressões como “it”, “this”, “that circle” e “that cycle” nos remete a um referente: “padrões de comportamento nocivos” que são recorrentes. Esses padrões, que são construídos como um estado de *loop* de um mal-estar mental e emocional, como vimos anteriormente, são postos em metaperspectiva e, a partir disso, ocorre a cisão desse estado de aprisionamento a partir da expressão dêitica “I” junta ao predicado “can move forward and get unstuck from this”, que nos infere a noção de libertação do referente “mente de Chester Bennington” de “padrões de comportamentos nocivos”. Mais uma vez, Chester se apropria do sujeito “you” para, com o uso do predicado “do something about it”, atribuir ao “interlocutor universal” uma reconstrução referencial, que agora é um indivíduo também capaz de agir ao ser posto nessa situação. Em tese, denota-se um passo além da consciência: a ruptura. A linguagem marca a transição da constatação para a capacidade de intervenção, ancorando a superação na ideia de agência.

- **Externalização relacional**

Trechos selecionados:

- “[...] if I'm not [...] getting out of myself and being with other people, like being a dad, being a husband, being a bandmate, like being a friend, helping someone out, like... If I'm out of myself, I'm great.”

Tradução: “[...] se eu não [...] estou saindo de mim mesmo e estando com outras pessoas, como sendo um pai, sendo um marido, sendo um colega de banda, sendo um amigo, ajudando alguém, tipo... Se eu estou fora de mim mesmo, estou ótimo.”

Chester recorre a si através de “I”, e atribui o predicado “out of myself”, que denota uma espécie figurativamente tida como a saída de sua própria mente, ou seja, a “mente de Chester”, referente antes construído com a interação de Chester com ele, agora sendo reconstruído sem essa interação, pois o “myself” é, nesse sentido, uma expressão que retoma a esse referente. Essa saída de si mesmo é reforçada quando o referente surge: “os papéis sociais de Chester”, que é introduzido em expressões referenciais como “a dad”, “a husband”, “a bandmate”, “a friend”, bem como em predicados “being with other people” e “helping someone out”. Esse referente é utilizado para reforçar a ideia de que o indivíduo, enquanto está a exercer esses papéis sociais, não está interagindo com a sua própria mente (out of myself), utilizando-se do apoio/ancoragem em outrem como recurso para atingir esse estado. Dessa forma, o sujeito Chester é retomado para ser recategorizado devido a uma atribuição anafórica de “great”, um sentimento que nominaliza o estado do indivíduo em questão fora de sua mente.

As análises percorridas nos tópicos anteriores estão sintetizadas no quadro a seguir, com os campos semânticos mais proeminentes.

Referentes do Campo Semântico Emocional			
Campo Semântico	Referentes	Expressões referenciais	Predicados
Sofrimento Emocional	Chester Bennington / Acontecimentos da vida	“I”, “life”, “a mess”, “a total wreck”, “bad stuff”	“have a hard time with life”; “is really hard”; “am horrible on the mess”; “I was a mess – a total wreck”
	Chester Bennington / Padrões de comportamento nocivos	“I”, “myself”, “certain patterns to behave”, “the same thing”, “that circle”, “that cycle”	“find myself struggling”; “stuck in the same thing”; “keeps repeating”
	Mente de Chester	“this place”, “this skull”, “between my ears”, “another Chester”	“is a bad neighborhood”; “I should not be in there alone”; “wants to take me down”
Consciência e Superação	Situação problemática / Mente de Chester / Chester Bennington / Interlocutor universal	“that situation”, “all the stuff”, “in here”, “I”, “myself”, “you”	“see it for what it is”; “elevating yourself consciously”; “enlightened”; “I’m doing this to myself”

	Chester Bennington / Padrões de comportamento nocivos / Interlocutor universal	“I”, “you”, “it”, “this”, “that circle/cycle”	“do something about it”; “broken out”; “can move forward”; “get unstuck”
	Chester Bennington / Papéis sociais de Chester	“I”, “myself”, “a dad”, “a husband”, “a bandmate”, “a friend”, “other people”	“out of myself”; “being with other people”; “helping someone out”; “I’m great”

4.3. Referentes/Objetos De Discurso Dos Campos Emocionais Mais Recorrentes Na Entrevista

Com base no referencial teórico da Linguística Textual, em especial nos trabalhos de Ingedore Koch, a análise não se limita a listar palavras, mas a entender como elas constroem e reconstróem objetos de discurso. Na entrevista, o principal objeto de discurso construído é o seu sofrimento emocional, que não é apresentada como uma entidade única, mas é dinamicamente categorizada e recategorizada através de diferentes estratégias referenciais, entre as quais destacamos quatro, apresentadas a seguir.

4.3.1. O Sofrimento Mental como um “Lugar Perigoso”: Uma Metáfora Espacial

O sofrimento é inicialmente introduzido de forma abstrata, através de expressões como *“I have a hard time with life, sometimes”*. Contudo, o discurso rapidamente opera uma recategorização metafórica, transformando o estado mental em um objeto de discurso concreto e espacializado:

“I know that, for me, when I’m inside myself, when I’m in my own head, it gets a... This place right here, this skull between my ears, that is a bad neighborhood. And I should not be in there alone.”

A expressão nominal definida *“This place right here”* ancora a referência, que é especificada como *“this skull”* e, em seguida, recategorizada pela predicação “é uma vizinhança perigosa”. Essa estratégia não apenas descreve, mas *constrói* a experiência do sofrimento como um local físico e hostil. Como aponta Koch (2003, p. 87), “a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto”. Aqui, a propriedade de “perigo” é enfatizada. Essa construção discursiva estabelece uma lógica interna, onde, de um lugar perigoso, deve-se sair.

“Like, if I’m not, like, actively, like, doing... getting out of myself [...] If I’m out of myself, I’m great.”

A solução, portanto, torna-se *“getting out of myself”* (sair de mim mesmo), justificando a busca pela externalidade (estar com outros) como uma forma de sobrevivência.

4.3.2. O Sofrimento Mental como um “Antagonista Personificado”: Cisão do Eu

Quando Chester fala *“I don’t say nice things to myself. Like, there’s another Chester in there that’s, like, wants to take me down.”*, ele opera uma nova categorização, transformando o objeto de discurso de um lugar para uma entidade pessoal, um adversário que

habita esse lugar.

O referente, que antes era “a minha cabeça” ou a “vizinhança perigosa”, é então retomado e recategorizado pela expressão nominal indefinida “*another Chester*”. O uso do indefinido aqui é estratégico, pois não se trata de um referente já conhecido, mas de uma nova faceta do objeto de discurso que está sendo construída para o interlocutor. Este processo cria uma cisão no eu enunciador. Não se trata mais de “eu e meus problemas”, mas de uma batalha direta contra um inimigo interno e ativo (“*wants to take me down*”). Essa construção discursiva intensifica a agência do sofrimento e o sentimento de impotência do “eu” que fala. O objeto de discurso se completa e se complexifica, passando de um cenário para um personagem.

4.3.3. Sofrimento Mental como um “Ciclo Vicioso”: A Dimensão Temporal

A dimensão temporal do sofrimento também é construída como um objeto de discurso específico. Ele é inicialmente introduzido por uma expressão nominal indefinida e vaga, “*the same thing*”, que denota um padrão de repetição:

“I find myself, like, stuck in, like, the same thing that keeps repeating, over and over again.”

Posteriormente, esse mesmo objeto de discurso é retomado e recategorizado por meio de uma descrição definida que lhe confere uma forma mais concreta:

“[...] you've now broken out of that circle, that cycle.”

Essa progressão referencial, de “*the same Thing*” para “*that circle, that cycle*”, é um exemplo clássico de como o discurso constrói progressivamente seus objetos (Mondada; Dubois, 1995). A recategorização consolida a experiência de aprisionamento, e a solução discursiva só pode ser a “quebra” (*broken*) desse ciclo, reforçando a necessidade de uma ação consciente para escapar do padrão. Esse movimento de retomada e especificação é crucial para a manutenção do tópico discursivo, garantindo sua continuidade enquanto novas informações são agregadas.

4.3.4. “Heavy”: A Anáfora Encapsuladora como Síntese Discursiva

O título da canção, “*Heavy*”, funciona no discurso como o que Koch (2003, p. 93-94), baseada em Francis (1994) e Conte (1996), chama de anáfora encapsuladora ou rotulação. O termo encapsula um conjunto de informações e processos complexos previamente expressos, transformando-os em um único objeto de discurso. Na entrevista, a nominalização “*heavy*” referencia e sumariza o complexo de sentimentos e construções discursivas anteriores (a “vizinhança perigosa”, o “outro Chester”, o “ciclo vicioso”) como uma situação “pesada” de se lidar.

“I'm holding on

Why is everything so heavy?

Holding on

To so much more than I can carry

I keep dragging around what's bringing me down”

(Linkin Park, 2017)

Essa estratégia permite que uma experiência interna, caótica e multifacetada, seja apreendida como uma entidade única e nomeada, tornando-se, assim, passível de ser discutida, analisada e, em tese, superada. Conforme Koch (2003, p. 91), as formas nominais referenciais com essa função predicativa são “híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação inferível e nova”. Nesse sentido, ao condensar em um mesmo sintagma elementos de diferentes ordens, o discurso oferece ao interlocutor uma forma de organizar a experiência subjetiva e de transformá-la em objeto de análise.

Considerações finais

A análise detalhada da entrevista de Chester Bennington, fundamentada no arcabouço da Linguística Textual, demonstra que a linguagem é o palco onde a experiência subjetiva do sofrimento é ativamente construída e modelada. Longe de ser um mero relato de sentimentos pré-existentes, o discurso de Bennington é um elemento de fabricação de sentidos, onde o sofrimento emocional é dinamicamente configurado através de sofisticadas estratégias de referenciação que, por sua vez, estabelecem e desenvolvem o tópico central de sua fala.

A análise de referentes construídos na entrevista permite ir além da simples identificação de um “léxico da depressão”. A pesquisa revelou que o sofrimento é transformado em objetos de discurso com propriedades espaciais (“*a bad neighborhood*”), agentivas (“*another Chester*”) e temporais (“*that cycle*”). Cada uma dessas recategorizações não é apenas uma escolha estilística, mas um ato cognitivo e discursivo que estrutura a percepção da realidade, estabelecendo uma lógica interna que aponta para as possíveis saídas: se a mente é um lugar perigoso, a solução é sair; se é um inimigo, é preciso lutar; se é um ciclo, é preciso quebrá-lo. As cadeias referenciais que se formam em torno desses objetos constroem o tópico discursivo do sofrimento emocional, mostrando como os mecanismos de coesão referencial são a base para a coerência tópica (Pinheiro, 2012).

O estudo evidencia a insuficiência de abordagens puramente quantitativas que, ao identificarem padrões, não explicam o processo pelo qual esses padrões são gerados. A análise textual-discursiva, ao focar nas cadeias referenciais e nas estratégias de (re)categorização, desvela o “como” da construção do sentido, mostrando que a maneira como nomeamos e reconstruímos nossos mundos internos não é apenas um reflexo, mas um componente ativo de nossa realidade psicológica.

Percebe-se que a forma como Bennington construiu discursivamente o que podemos encapsular como sofrimento emocional pode nos levar a entender não só sobre o *single* “*Heavy*”, mas sobre diversas outras letras de suas canções. Para além disso, nos leva a perceber a forma como aquilo tanto era encarado pelo sujeito em questão, como também expressado ao público, considerando a existência da influência do mercado fonográfico de manifestar por meio da música aquilo que o público que a aprecia quer ouvir. Portanto, percebemos que há a existência de uma dialética que consiste no caráter subjetivo do que é experienciado pelo locutor, e a forma como ele quer construir aquilo para o interlocutor no discurso. Dessa dialética, surge o referente – que também será construído pela maneira que o interlocutor a entende. Entretanto, dessa dialética (experiência subjetiva do locutor vs. como o locutor quer construir o referente no discurso) não podemos inferir qual fator assumiu o maior papel na construção do discurso. Contudo, vale ressaltar que o referente “sofrimento emocional” foi inserido como tema das canções da banda desde muito tempo, mesmo diante discordâncias com as produtoras musicais sobre sua abordagem.

Em suma, este trabalho corrobora a tese de que os objetos de discurso são produtos culturais e interativos, e que é na dinâmica da referenciação que a subjetividade se materializa e se torna inteligível. A análise do discurso de Bennington oferece um testemunho pungente de como um indivíduo utiliza os recursos da língua para dar forma, nomear e tentar gerenciar

uma dor que, em última instância, se mostrou avassaladora, ilustrando de forma contundente a indissociabilidade entre linguagem, cognição e experiência humana.

Referências

Cavalcante, Mônica Magalhães; Rodrigues, Bernadete Biasi; GIULLIA, Alena (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2011. (Clássicos da Linguística, v. 1).

Al-Mosaiwi, M.; Johnstone, T. In an absolute state: Elevated use of absolutist words is a marker specific to anxiety, depression, and suicidal ideation. **Clinical Psychological Science**, v. 6, n. 4, p. 529-542, 2018.

Apothéloz, D.; Reichler-Beguelin, M-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: Berrendonner, A.; Reichler-Beguelin, M-J. (Eds.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

Benjamin, Walter. **Escritos Sobre Mito e Linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2013.

Cavalcante, M. M. et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2011.

Jubran, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 2. Campinas: UNICAMP, 1992. p. 322-384.

Koch, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Koch, Ingedore G. Villaça. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2002.

Koch, Ingedore G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. **Investigações**, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Marcuschi, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 7-22, jan./jun. 2006.

Matthews, B.; ROSS, L. **Research methods: a practical guide for the social sciences**. Harlow: Pearson Education, 2010.

Mondada, Lorenza; Dubois, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. **Revista do GELNE**, v. 1, n. 1, 1999.

Pinheiro, C. L. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 793-812, set./dez. 2012.

Santos, W. R. dos; Paraboni, I. **SetembroBR v3: detecção de transtornos de depressão e ansiedade em redes sociais**. Relatório Técnico PPGSI-000/2021. São Paulo: EACH-USP, 2021.

Waskita, F. F.; Rafilis, R. Depression and Suicide Message as Seen in Chester Bennington of Linkin Park's Selected Lyrics from 2000 (Hybrid Theory) Until 2017 (One More Light). **Jurnal JILP (Jurnal Ilmiah Langua and Parole)**, v. 2, n. 2, p. 14-19, 2019.

Bennington, Chester. In his final interview, he gave us these touching words about his friend and hero, Chris Cornell. **Loudersound**, [S. l.], 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.loudersound.com/features/chester-bennington-would-have-turned-47-today-in-2017-in-his-final-interview-he-gave-us-these-touching-words-about-his-friend-and-hero-chris-cornell>. Acesso em: 27 jan. 2024.

Apêndices

Trecho dedicado da entrevista com Chester Bennington mencionado no estudo, retirado entre os minutos 4:13 e 14:07. Segue:

INTERVIEWER: by the way Chester, let's just talk about this track. This track... I've listened to all the way to work today. It is just spectacular.

CHESTER: thank you so much.

INTERVIEWER: I mean, it's just... I don't know it, maybe just speaks to me, I don't know what it is, and Kiara sounds lowest in there.

CHESTER: Isn't she awesome?

INTERVIEWER: I mean, that whole thing, I mean, it's Linkin Park? Correct me if I'm wrong. Not known for just inviting a female vocalist to jump in. I can't recall a list of tracks in my head, I can't pull from.

CHESTER: she's the first female feature that we've ever had.

INTERVIEWER: okay so I'm not crazy.

CHESTER: no.

INTERVIEWER: got you. Then she lost it when you guys called, right? (???)

CHESTER: you know, I mean, honestly, like, today we did a live Facebook performance, and I'd kind of just look at her as, like, up here, you know? Like, she's a person in the music business, she's a professional and I don't see her. I mean, I know she's young but, like, so watch was a lot of young people in this business. I forget that like her first, very first show was performing at Lollapalooza, like, last year, like, eight months ago. You know what I mean? Like, [...] this is why she has this kind of look like "aaaaaa" (expressão de êxtase) like all the time. And I'm just like: "that's right", like, I talked to her like hey this is what we're doing, you know? Like: "just do this and that", you know? She's kind of like: "I have no idea". Like, this is her first experience with anything, so...

INTERVIEWER: Did she give you the speech, like "I was listening to you when I was in third grade", did she give you one of those things?

CHESTER: she kind of said something similar, but not like listening to us, but just kind of, like "this is really surreal for me" like "I kind of have to keep... I keep wondering, like, how did I get here", like "I'm in a studio performing a song live with my favorite bands and I'm on their record", like, eight months ago, nine months ago, like, she hadn't even had a song out. So, it's just kind of wild.

INTERVIEWER: imagined, like, what's going through her head it's just got to be, I mean, I don't know who that would be for you, that would have happened, you know, early in your career, like, who will be, like, eight months after starting a career, oh, you're going to be on blanks record. Your head would have exploded!

CHESTER: if I would've... Okay, so, if we had put out, like, okay rewind 20 years ago, whatever it is, 18 years ago. And we put out "One Step Closer", and then nine months later I was singing and being featured on Depeche Mode's new record I would have lost my... I would have been a mess. I would be so nervous, I would be sang like crap, I would have been like "aaaaaa" (expressão de êxtase) the whole time! Because it's like nerve-racking! It was hard enough just to do our own stuff, you know? So yeah, I kudos to her. She did a great job, she's really awesome, really sweet and nice person, and she was fantastic today.

INTERVIEWER: And another one of the writers on the track, I know fairly well, it's... Julia Michaels?

CHESTER: Julia Michaels.

INTERVIEWER: he's starting to do her thing too.

CHESTER: And Justin, yeah.

INTERVIEWER: I don't know about Justin, but...

CHESTER: They're writing partners, and so... they're kind of funny, because, like, in the studio, we're writing and, like, she's kind of like a cat, you know? And her movements... she was kind of like cat-like. And he was kind of... he's very outspoken, and like really like very personable like just funny and like outgoing and all the stuff.

INTERVIEWER: but he's like a dog, and she's like a cat.

CHESTER: he's like a dog and she's like a cat. And so, she's like laying on his lap and he's like petting her as we're like talking about writing a stuff, and she kind of like whispering things, and he were like "you're a genius! You're a genius! I love you! [...] My god! Like, how does this... how does this happen!?", and she's just like purring... and he's like "hold on! hold on! hold on! This is... another great one! My god! I like my muse!", you know? It's just like "what is going on?". And she has such a great voice! And, so... originally, I was like "Julia, why don't you just sing on this track? Like, why are we even talking about getting a feature? You're amazing!". She's like "well, I don't know. Like... I kind of just want to... I'm a behind-the-scenes kind of person. I like to be behind the scenes and writing songs. That's where I'm comfortable.". And here we are, eight months later, and she's got a top 20 a single! And, like, [...] I saw her at the summit last week or whatever, and she's like "hi, Chester!!", like, running down the hall and, like, skipping and, like... I'm just like "okay, where's the like little kitty cat go?", like, now she's just, like "look out world, here she comes"

INTERVIEWER: she lied to you, Chester. She lied to you!

CHESTER: I will get her on the next record.

INTERVIEWER: I just tried to track "heavy". I mean, just... let's just... what do people need to know: it's just... it is so mesmerizing. Yeah. And maybe that's a worry, I don't... I'm trying to think of words to describe, because it's just... it has blown me away.

CHESTER: Thank you so much. Thank you so much. I really appreciate that. I don't know if anybody out there can relate, but, like, I have a hard time with life, sometimes. Sometimes it's great, but a lot of times for me it's really hard. And no matter how I'm feeling, like, I always find myself like struggling with certain patterns to behave. And I find myself, like, stuck in,

like, the same thing that keeps repeating, over and over again. And I'm just like "how do I end that?", "how am I in this?". And it's that moment where you're in it, and then you cannot separate yourself from that situation, and you look at it, and you see it for what it is and you're able to, then, do something about it. Like, you've now broken out of that circle, that cycle. And...

INTERVIEWER: is it a, is it a... are you kind of... because the first... the first couple of lines on the track make me think that you are, like, overthinking things in your life, is it like a... you're overanalyzing yourself?

CHESTER: it could be. I mean, honestly, like, there's so many circumstances that for me that relate to this situation but, like, I know that, for me, when I'm inside myself, when I'm in my own head, it gets a... This place right here, this skull between my ears, that is a bad neighborhood. And I should not be in there alone. I can't be in there by myself.

INTERVIEWER: What you're talking about? It just... you just crazy, man!

CHESTER: it's insane. It's crazy in here. It's a bad place for me to be by myself. And, so, when I'm in that, like, I get... my whole life gets thrown off. Like, if I'm in there like I don't say nice things to myself. Like, there's another Chester in there that's, like, wants to take me down. And, so, and I find that it could be, whether it's substances, or whether it's behavior, or whether it's, like, depressive stuff, or whatever it is. Like, if I'm not, like, actively, like, doing... getting out of myself and being with other people, like being a dad, being a husband, being a bandmate, like being a friend, helping someone out, like... If I'm out of myself, I'm great. If I'm inside all the time, I'm horrible on the mess. And, so, for me it's like, that was kind of where "I don't like my mind right now, stacking up problems that are so unnecessary" (trecho da música em questão). You know, that's where... that was where that came from for me, and that's... but it's the moment where it's, like, realizing, like, I drive myself nuts. Like, actually, thinking that like all these are real problems. Like, all the stuff that's going on in here is, actually, just I'm doing this to myself. And regardless of whatever that thing is, and so this is that, like, conscious awareness of that thing and, like, when you... when you can step back and look at something, like, you're actually elevating yourself consciously. Like, you're... you're... you're enlightened at that point. To a certain degree, and so this is that moment of enlightenment where you go, you know... I could do something about this, and by doing it I can move forward and get unstuck from this and I could, actually, be able to... for me it's like "I can live with life on life's terms", like, I can experience the whole spectrum of humanity and not want to get out of it, whether it's happiness, sadness or whatever. Like, I just want to... When I'm in it, I just want to get out of however I'm feeling, no matter what it is.

INTERVIEWER: So, when you wrote this song, you were clearly in "that bad neighborhood" in your brain, or...?

CHESTER: This time last year, I was a mess — a total wreck. I think for a lot of people, they think if you're successful, all of a sudden you get a green, like, you get some card in the mail that says like: "you're gonna be totally satisfied and happy for the rest of your life". It doesn't happen like that. Life, for me, happens the way it always [has]... My only difference is I'm in Linkin Park. What goes on inside my head is always been this way for me. So, when I'm not working on that, my life gets messy. And that's kind of how the inspiration for all these songs came from — conversations about life and what was going on, as friends, as husbands, as fathers, as... whatever... business partners... We were all talking about what was going on in all aspects of our lives at certain time start the process of this record, and we realize, like "man, we've all gone through like some really crazy stuff and we don't need to find the source of inspiration, like what's this record about, like, this is our life". We always have written about our lives and, like, that should just be enough. We don't need to find some new thing, like, life is always throwing these curveballs at you, whether they're good or bad, like, it just

happens. And eventually, what I've found is, especially with the bad stuff, 'cause that's the stuff that sticks to me a little bit more, coming out at the other side and being, like, "Man, I'm a better person because of that." Or, "I'm more compassionate because of that." Or, "I feel like I can understand people or humanity a little bit differently, 'cause I've been through some pretty crazy stuff." And that's a positive. So, finding a positive in all these things, that's what we always try to do, but we still talk about the feelings we had going through all these different circumstances.